

# PIERRE BOURDIEU: DA “ILUSÃO” À “CONVERSÃO” AUTOBIOGRÁFICA

Maria da Conceição Passeggi\*

## RESUMO

*A ilusão biográfica*, título do artigo de Pierre Bourdieu, publicado em 1986, quando as histórias de vida ressurgiam nas Ciências Humanas e Sociais, tornou-se uma expressão emblemática da tensão entre tendências opostas: a que lança um olhar de suspeição sobre o biográfico e a que defende sua legitimidade em pesquisa. A reedição, em 2013, do livro de Franco Ferrarotti, *Histoire et histoires de vie*, que certamente contribuiu para o contra-ataque de Bourdieu, é uma ocasião privilegiada para retomar o pensamento bourdieusiano sobre o biográfico, entre 1986 e 2001. Nosso objetivo é apresentar considerações iniciais resultantes de pesquisas sobre a epistemologia da pesquisa (auto) biográfica, na qual se inserem três trabalhos de Bourdieu: *A ilusão biográfica* (1986 e 1998), por sua “crítica” às histórias de vida; *A Miséria do Mundo* (1993 e 2003), por sua “adesão” ao método biográfico, e *Esboço de auto-análise* (2004 e 2005), por sua “conversão” ao autobiográfico. Após considerações sobre as perspectivas de Bourdieu, Ferrarotti e o movimento das histórias de vida em formação, que surge também nos anos 1980, pontuaremos a inflexão (im)provável do pensamento de Bourdieu com o objetivo de tematizar suas contribuições para pesquisa (auto)biográfica e ultrapassar o marco de *A ilusão biográfica*.

**Palavras-chave:** Pesquisa (auto)biográfica. Pierre Bourdieu. Narrativa. Educação.

## ABSTRACT

### PIERRE BOURDIEU: FROM “ILLUSION” TO AUTOBIOGRAPHICAL “CONVERSION”

“The Biographical Illusion”, by Pierre Bourdieu, published in 1986, at the time of the re-emergence of life stories in the Human and Social Sciences, became an emblematic expression of the tension between opposing tendencies: one that throws a suspicious glance at biographies, and the other one that defends its legitimacy in research. The reprint, in 2013, of Franco Ferrarotti’s “History and life stories”, which certainly contributed to Bourdieu’s counter-attack, was a privileged occasion to return to bourdieusian thought on biographies, which he proposed from 1986 to 2001. Our aim is to present initial considerations from a study on the epistemology of (auto)biographical research, in which

---

\* Pós-doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pela Université de Paris 13. Pós-Doutora em Fundamentos da Educação pela Université de Nantes. Doutora em Linguística pela Université Paul Valéry (Montpellier 3, França). Pesquisadora do CNPq. Professora Titular do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Orientadora de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Grupo de Pesquisa: Líder do GRIFAR/PPGED/UFRN/CNPq. Endereço para correspondência: Rua Alameda das Margaridas, 1275, ap. 201, Ed. Victor Hugo, Tirol. Natal-RN. CEP: 59020-580. mariapasseggi@gmail.com

we study three works by Bourdieu: “The Biographical Illusion” (1986/1998), for its “criticism” to life stories; “The Weight of the World” (1993/2003), for its “adherence” to the biographical method; and “Sketch for a Self Analysis” (2004/2005), for its “conversion” to the autobiographical analysis. Through considerations on Bourdieu’s and Ferrarotti’s perspectives and the developing life-stories movement, that also emerged in the 80s, we highlight the (im)probable slant on Bourdieu’s thought looking forward to providing you a thematic framework of his contributions to the (auto)biographical research and going beyond the “biographical illusion”.

**Keywords:** (Auto)biographical research. Pierre Bourdieu. Narrative. Education.

## Ilusão ou revolução biográfica?

*Eu constato com prazer a dissolução da ‘ilusão biográfica’ de Pierre Bourdieu. O método biográfico afirmou e consolidou a sua autonomia e fecundidade.*

Franco Ferrarotti (2013, p. 8).

Com as palavras da epígrafe, Franco Ferrarotti, aos 87 anos, celebra a consolidação, trinta anos depois, de sua tese em defesa da autonomia e fecundidade do método biográfico nas Ciências Humanas e Sociais. Colocadas na abertura da reedição comemorativa de seu livro *Histoire et histoires de vie* (FERRAROTTI, 2013), publicado pela primeira vez na França em 1983<sup>1</sup>, elas ecoam como uma resposta deferida às provocações levantadas pelo artigo de Pierre Bourdieu, *A ilusão biográfica* (BOURDIEU, 1986, 1998), que se insurgia contra o método que Ferrarotti<sup>2</sup> propunha enquanto uma via humanista e política para as Ciências Sociais<sup>3</sup>.

A “ilusão biográfica” de Pierre Bourdieu e a “autonomia do método biográfico” de Franco Ferrarotti fizeram seu caminho, nestes últimos trinta anos, e travaram um embate até hoje estimulante para a pesquisa num terreno de tensão entre duas tendências opostas: a que lança um olhar de suspeição sobre as histórias de vida como fonte e objeto de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais e a

que defende sua legitimidade, suas potencialidades políticas e sua fecundidade para suas diferentes disciplinas.

O objetivo desta reflexão é apresentar resultados de estudos sobre a epistemologia da pesquisa (auto)biográfica em Educação, retomando aqui a tensão, reconhecidamente polêmica, que ressoa em surdina cada vez que se empreende o desafio de recorrer a narrativas biográficas e autobiográficas, em Educação, como objeto de pesquisa e dispositivo de formação. O foco deste artigo é tematizar a inflexão do pensamento de Pierre Bourdieu sobre o autobiográfico, entre 1986 e 2001, pois as citações dos argumentos do autor contra o (mal) uso das histórias de vida, que encontramos em muitos artigos, dissertações e teses acadêmicas, chega a ser quase um ritual, antes de se adotar um posicionamento, seja para aceitar suas críticas, seja para se opor a elas.

Partilhei um primeiro esboço deste trabalho com pesquisadores e estudiosos da obra de Pierre Bourdieu<sup>4</sup> com o intuito de submeter essa reflexão a um público de especialistas. A expectativa aqui é aprofundar o debate e prosseguir na tentativa de melhor estabelecer parâmetros sobre a epistemologia da pesquisa biográfica e autobiográfica em Educação. Reconheço a minha pretensão ao tentar abordar o que aqui proponho, quando considero a vasta obra de Bourdieu, a profundidade de seu pensamento e o alcance das repercussões de seu pensamento sobre os mais diversos temas. Pensar

1 Publicado originalmente na Itália (FERRAROTTI, 1981).

2 Franco Ferrarotti publicou em 1979, na França, o texto que se encontra no livro organizado por Nóvoa e Finger (2010). Maria Isaura de Queiroz (1988, p. 43) cita em sua “Bibliografia de apoio” quatro trabalhos de Ferrarotti, entre os quais *Storia e storie di vita*, de 1981.

3 Para Antonella de Vincenti e Gaston Pineau (2013, p. 13), o livro de Franco Ferrarotti, “publicado na instabilidade sociológica dos anos 1980, contribuiu sem dúvidas, em 1986, para desencadear o contra-ataque de Bourdieu [...]”.

4 Simpósio Internacional sobre Pierre Bourdieu e a Educação, promoção conjunta da Pós-Graduação em Educação e do Centro de Educação da UFRN, Universidade Paris 8, Centre Interuniversitaire de Recherche Culture, Éducation, Formation, Travail et de l’Observatoire National de la Vie Étudiante (OVE), UFRN| Natal, de 24 a 26 de abril de 2013.

que Bourdieu “converteu-se” ao biográfico, para alguns é no mínimo prestar desserviço à sua obra, mas prefiro acreditar no que afirma Wacquant (2002, p. 96) sobre o compromisso do autor com a ciência e não com suas próprias teorias sociais:

Pierre Bourdieu ilustrou brilhantemente e desmentiu enfaticamente suas próprias teorias sociais com uma vida repleta que, por meio de improváveis conversões e mudanças bastante sinuosas, ancorou-se em um fiel compromisso com a ciência, com o *institution-building* intelectual e com a justiça social.

É sob um ângulo epistemológico que desejo discutir aqui sua provável “conversão”, a partir de questionamentos, provocações e contribuições que encontrei em seus escritos e que considero importantes para as pesquisas (auto)biográficas que se afirmaram nos últimos anos no Brasil. Basta pensar no número crescente de teses e dissertações defendidas desde o final dos anos 1990. Stephanou (2008), ao centrar sua pesquisa nos descritores “biografia” e “autobiografia”, entre 1997 e 2006, afirma que a ocorrência desses termos passa de 2%, em 1997, para 20,66%, em 2006. O fortalecimento da vertente biográfica em Educação é reconhecido por Gatti e André (2010) ao fazerem um balanço da relevância dos métodos da pesquisa qualitativa no Brasil. Desde 2004, o movimento biográfico brasileiro já conta com um congresso científico de abrangência internacional<sup>5</sup>, uma produção bibliográfica de grande densidade<sup>6</sup> e associações científicas<sup>7</sup>, vinculadas ao movimento internacional da pesquisa biográfica<sup>8</sup>.

Defenderei a tese de uma “revolução biográfica” contra uma mera “ilusão”. E procurarei mostrar que Pierre Bourdieu aderiu e converteu-se ao biográfico, deixando um importante legado, ainda

não estudado, talvez pelo impacto do próprio “estardalhaço” de “A ilusão biográfica”. Este estudo se interroga, portanto, sobre as contribuições pouco evidenciadas de Pierre Bourdieu ao biográfico, que ficaram estagnadas no marco de uma “ilusão biográfica”, que fez sombra a uma “revolução biográfica”, à qual se opõe uma “ilusão objetivista”. Procuro melhor compreender e discutir a inflexão/evolução do seu pensamento, tomando como base três de seus escritos publicados entre 1986 e 2001, escolhidos por seus vínculos com o biográfico. Numa ordem cronológica: *A ilusão biográfica* (1986), cujo interesse é a sua “crítica” às histórias de vida; *A Miséria do Mundo* (1993), mais particularmente o capítulo “Compreender”, que me leva a propor sua “adesão” ao biográfico; e, finalmente, *Esboço de auto-análise* (2005), escrito no ano de sua aposentadoria e um ano antes de sua morte, para sugerir sua “conversão” (improvável ou não) ao autobiográfico.

Na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica em Educação, em que me situo, as narrativas autorreferenciais são utilizadas como objeto, fonte e método de pesquisa qualitativa, e como dispositivo pedagógico de reflexão crítica e de formação. É sobre essas vertentes que gostaria de tecer minhas considerações, com o objetivo de tematizar as contribuições de Pierre Bourdieu em *A Miséria do Mundo* e *Esboço de auto-análise* para as diferentes vertentes da pesquisa (auto)biográfica e desmistificar *A ilusão biográfica*.

## “A ilusão biográfica” e a “autonomia do método biográfico”

Depois de um eclipse de trinta anos<sup>9</sup>, os trabalhos de Daniel Bertaux (2010) com narrativas de vida, conduzidos numa perspectiva etnossociológica, dão um novo fôlego ao biográfico, na França dos anos 1970. No campo da Sociologia, esse ressurgir é fortalecido com as traduções para o francês dos trabalhos de Franco Ferrarotti em defesa da autonomia do método biográfico nas Ciências Sociais. Para Dosse (2009, p. 249), Bertaux e Ferrarotti, “malgrado suas divergências [...] arrancaram a

5 Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), bianual, e que prepara a sua sexta edição para 2014.

6 Resultam dos cinco CIPAs um total de 25 coletâneas, além de seus ANAIS, reunindo trabalhos de reconhecidos pesquisadores das Américas e da Europa.

7 BIOgraph e ANNHIVIF, no Brasil, e na Europa a ASHIVIF-RBE, a Red NAUE na América Latina e BioGraFia Rede Científica América Latina-Europa.

8 Há mais de trinta anos, tornaram-se referências no mundo anglo-saxão a *Biographical research*, e na tradição alemã, a *Biographieforschung*. Mais recentemente, se fortalecem na França a *Recherche biographique en Education*, e no mundo ibero-americano a *Investigación biográfico-narrativa en educación*. Os pesquisadores mais representativos dessas tradições em pesquisa vêm participando regularmente dos CIPA.

9 Os trabalhos da Escola de Chicago datam dos anos 1920-1930. Após a Segunda Grande Guerra, a pesquisa quantitativa se impõe até os anos 1970.

biografia de uma situação de desafio exterior às considerações científicas”, conferindo-lhes valores heurístico e hermenêutico. E é justamente contra esse “contrabando no universo científico”, que Bourdieu (1998, p. 183) dispara um alerta:

As histórias de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico, inicialmente, sem muito alarde, entre etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos.

A crítica bourdieusiana volta-se contra a possibilidade de os sociólogos aceitarem, por intermédio de uma noção do senso comum, uma teoria da narrativa, repousando numa lógica insidiosamente gerada pela criação artificial de sentidos. Bourdieu (1998, p. 185) alerta ainda contra as leis que regem, explícita ou implicitamente, a produção do discurso, e que tendem a impor e a oficializar uma representação pública ou privada da vida. Portanto, seria um contra senso admitir que a ciência se conformasse com uma “ilusão retórica”.

Franco Ferrarotti, ao contrário de Pierre Bourdieu, preocupa-se em seus trabalhos<sup>10</sup> com a defesa da autonomia do método biográfico numa perspectiva crítica e numa crítica ao isolamento da Sociologia. Posiciona-se contra o uso das narrativas biográficas e autobiográficas como ilustração, ou uma “verdade” a ser verificada, ou ainda como casos, histórias “exemplares”, publicadas, muitas vezes, à revelia de quem as narrou. Ferrarotti (1983, p. 39, grifo do autor) defende a “*autonomia do método biográfico* e de seu caráter decisivo para o futuro da pesquisa nas ciências sociais”. Adota uma postura epistemológica, ética e política alinhada à percepção que privilegia “as vastas massas humanas” desvalidas, suas necessidades materiais, sua sobrevivência cotidiana, destinadas ao esquecimento. Para tanto, defende uma deontologia do método contra a tendência em Sociologia a abolir o sujeito participante da pesquisa biográfica. A prioridade são as fontes primárias que devem ser recolhidas diretamente por um pesquisador, politicamente engajado, consciente do dever de garantir a quem lhe oferece sua história uma escuta respeitosa e o anonimato. Desde o primeiro capítulo do livro: “Uma metodo-

logia sociológica como técnica da escuta”, Ferrarotti (1983) dá o tom da revolução biográfica que viveu e empreendeu ao longo de seu caminho. A entrevista ocupa o lugar central do método, como descreve no capítulo 3: “A biografia como interação”, e sua defesa se alicerça na necessidade de que a entrevista se realize “num pé de igualdade entre pesquisador e o grupo pesquisado, uma comunicação não apenas metodologicamente correta, mas humanamente significativa (essa significância não é um acréscimo moral facultativo, mas parte integrante e garantia da honestidade metodológica)”<sup>11</sup> (1983, p. 46).

É a perspectiva de Franco Ferrarotti que se tornará uma das referências epistemológicas fundantes do *movimento socioeducativo das histórias de vida em formação*, que surgia no âmbito da formação de adultos, na Europa e no Canadá, no início dos anos 1980. O vigor *militante* do movimento, como nos lembra Dominicé (2008), encontra no engajamento político e epistemológico de Ferrarotti (1983) argumentos a favor do autobiográfico na pesquisa-formação, defendida pelos pioneiros<sup>12</sup> desse movimento.

Em 1983, foi também publicado em Montreal e Paris o livro *Produire sa vie: autobiographie et autoformation* (Produzir sua vida: autobiografia e autoformação), de autoria de Gaston Pineau e Marie-Michèle<sup>13</sup>. O livro tornou-se o marco inaugural *das histórias de vida em formação* por constituir uma primeira proposta sistematizada do uso das histórias de vida como dispositivo de formação na educação permanente de adultos, que se institucionalizara no início dos anos 1970, face ao desemprego crescente. Das universidades,

11 Traduzimos para o português todos os excertos de textos citados em francês.

12 Tomo como referência os autores que publicaram no primeiro número da Revista *Education permanente* (nº 72-73, mars 1984) e que participaram do movimento: Gaston Pineau, Mona Distiheim (Canadá, França); Bernadete Courtois, Guy Bonvalot, Guy Jobert, Vincent de Gaulejac, Simone Clapier-Valladon, Jean Poirier, Henri Desroche, Laurence Crayssac, Jean Pierre Brunet (França); Pierre Dominicé, Marie-Christine Josso, Matthias Finger, Michael Huberman (Suíça); Nóvoa (Portugal); Guy de Villers (Bélgica); Christine de Panafiou (Alemanha). Encontram-se ainda entre os autores os sociólogos Franco Ferrarotti (Itália) e Maurizio Catani (França).

13 O livro de Gaston Pineau e Marie-Michèle foi reeditado, em 2012 (PINEAU; MARIE-MICHÈLE, 2012), na mesma coleção do livro de Ferrarotti. Essas duas obras fundadoras, que se encontravam fora de circulação há trinta anos, são hoje colocadas ao alcance dos pesquisadores, graças ao esforço de Gaston Pineau e Christine Delory-Momberger.

10 Para uma síntese de sua defesa da *autonomia do método autobiográfico*, ver o capítulo introdutório do livro organizado por Nóvoa e Finger (2010).

esperavam-se respostas de formação que atendessem a um público de adultos, marcado pela desigualdade: migrantes, desempregados, mulheres, jovens..., que enfrentavam dificuldades de inserção ou de reinserção profissional e social. É importante lembrar que Franco Ferrarotti e Gaston Pineau não se conheciam e que suas obras não rementem uma à outra. Um ano depois, seus nomes aparecem no sumário do primeiro número dedicado às “Histórias de vida”, pela Revista *Education permanente* (nº 72-73, mars 1984), e dois anos depois do vendaval provocado por “A ilusão biográfica”, Nóvoa e Finger (1988, 2010) consolidam os laços da “autonomia do método biográfico” com o movimento das histórias de vida em formação, no livro que organizaram para um público de leitores de língua portuguesa e que se tornou uma referência fundante, no Brasil, para a pesquisa e a formação de professores com escritas autorreferenciais.

Ora, para as pesquisas com as narrativas de vida, a etiqueta de “ilusão biográfica” provocava, e ainda provoca, questionamentos sobre a representatividade dos dados e sua validade. As mudanças societais, ao longo dos últimos trinta anos, esmaeceram, no entanto, os argumentos utilizados por Bourdieu para denunciar a ilusão biográfica. Por isso, reduzir seu pensamento a esse artigo não faz justiça ao seu modo de entender a permanente revolução da ciência.

Não podemos esquecer que ainda em 1983, Paul Ricoeur (1983) publica *Temps et récit* (tomo I), em que desenvolve a tese do papel mediador do enredo para a compreensão dos dramas humanos, aos quais não podemos ter acesso fora das histórias narradas pelos outros ou por nós mesmos. Pesquisadores em História, Literatura, Psicologia, Antropologia, Filosofia, Sociologia renderam-se, nos últimos anos, ao biográfico, como matéria-prima para compreender a vida humana na “modernidade líquida”, como a denomina Bauman (2001, 2007), ou na “sociedade biográfica”, defendida pelos sociólogos Astier e Duvoux (2006). Para Dosse (2009), estamos na “Idade hermenêutica” do biográfico, em que os narradores e leitores vivem o tormento das aporias das interpretações as mais díspares, inclusive oriundas do discurso científico.

Bourdieu focalizava as narrativas “ordenadas”, lineares, de historiadores e romancistas, criadas por

uma “ilusão retórica”, que se contrapunha inclusive ao romance moderno que se afirmara por mostrar que o real é descontínuo e aleatório. Contudo, Bourdieu parece esquecer a natureza da narração como um fato antropológico: “Narrar é humano!” (PASSEGGI, 2010). Nesse sentido, Jovchelovitch e Bauer (2003, p. 91) retomam uma citação lapidar de Barthes, que vai nessa direção: “a narrativa começa com a própria história da humanidade”. A história de uma vida não é linear. É a narrativa que empresta à vida uma sequência, cria um percurso orientado, linear, da história, como lembram Pineau e Le Grand (2012, p. 60):

É, aliás, quase sempre o inverso, o surgimento de uma ruptura, de um acontecimento cujo sentido é buscado e construído depois. E é justamente porque a vida humana não é uma história, mas intervalos de turvação às voltas com múltiplas histórias, continuidades e descontinuidades a serem articuladas, que os vivos procuram fazer da vida uma história. Por que motivo?

Por pelo menos dois motivos interligados: um social e outro psicológico. Quando um acontecimento provoca rupturas nas rotinas canônicas, os grupos humanos criam narrativas para explicá-lo, um enredo que permita o retorno a uma situação de equilíbrio mesmo que seja provisório. O que é válido para o grupo é igualmente válido para o indivíduo. A narração, como sugerem Bruner (1997, 2002) e Bronckart (1999), serve para aliviar as pressões sociais e psicológicas sofridas pelas aporias de interpretações paradoxais. Sua fecundidade como fenômeno antropológico provém do entrelaçamento que se realiza, na linguagem e pela linguagem, entre o ser e o tempo, o ser e o espaço, o ser e o outro, “o ser e o nada”.

Quer a narração seja construída pelo homem comum, quer pelo historiador, o romancista, o erudito, o teólogo, o cientista, ela é sócio-historicamente situada e traz as marcas da subjetividade do narrador (eu/nós), da intersubjetividade (eu-você; nós-vocês), pondo em relação suas coordenadas espaço-temporais a partir do aqui e agora (*hic e nunc*).

Retomaremos mais adiante outros excertos de *A ilusão biográfica*, em que Bourdieu (1998, p. 184) se refere ao narrador e a uma “propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida”, às noções de *habitus*, trajetória, identidade e à “situação da

investigação”, que nos parecem ainda mais importantes para o presente estudo, mas que só poderão ser abordadas esquematicamente.

### Compreender: “um exercício espiritual”

Como lembra Wacquant (2002, p. 100), o livro coletivo *A Miséria do mundo*, coordenado por Bourdieu (1993), é “uma sócio-análise de mil páginas sobre as formas emergentes do sofrimento social na sociedade contemporânea”. Seu “estrondoso sucesso popular” se justifica, segundo Montagner (2009, p. 259), porque ele “atingiu o objetivo de sensibilização dos leitores e a própria mídia, substituindo grande parte das análises complexas do mundo social por discursos dos próprios agentes”.

Na abertura do livro, Bourdieu (2003, p. 9) dirige-se “Ao leitor” [...] entregando-lhe [...] os depoimentos que homens e mulheres nos confiaram a propósito de sua existência e de suas dificuldades de viver”. Para os leitores de Franco Ferrarotti, o que surpreende nesse livro é a harmonia com os grandes princípios do método biográfico, defendidos por esse autor, mas também o esquecimento de sua grande contribuição para o uso de autobiografias em Sociologia. Entretanto, foi sem dúvidas pela harmonia entre suas propostas que fui facilmente seduzida pelo livro, e em particular pelo capítulo “Compreender”, que se tornou uma leitura complementar aos textos de Ferrarotti e uma forma de desmitificar a “ilusão biográfica”, que me impedia de melhor compreender a contribuição de Bourdieu para a pesquisa (auto)biográfica. O mais acolhedor na leitura desse capítulo era observar o quanto Bourdieu, ao aderir ao autobiográfico, se deixara seduzir pela pessoa que narra sua existência. Essa dimensão humana do cientista e do homem me convinha. Para os que bem conhecem sua obra, Bourdieu (2003) explica nesse capítulo a atitude científica em três etapas cruciais da pesquisa com narrativas autobiográficas orais, ou seja, com fontes primárias: a entrevista, a transcrição e a publicação, alertando contra os riscos de *violência simbólica* nesses diferentes procedimentos.

Na recolha dos dados, o pesquisador não deve deixar que a preocupação teórica se sobreponha à prática de uma escuta cuidadosa e sensível. A entrevista é então considerada como um “*exercício*

*espiritual* visando a obter pelo esquecimento de si uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida” (BOURDIEU, 2003, p. 704, grifo do autor). Para Bourdieu (2003, p. 701), somente essa empatia permitiria penetrar “na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas de uma existência”. Estamos mais próximos do que afirmava Ferrarotti em 1983 sobre o indivíduo universal-singular e a possibilidade de ler uma sociedade por meio de uma autobiografia, do que dos argumentos apresentados por Bourdieu em “A ilusão biográfica”, em que o autor salientava a pretensão do narrador tornar-se o ideólogo de si mesmo.

Quanto ao trabalho de transcrição, encontrei recomendações tão lúcidas<sup>14</sup> quanto as que lera em Ferrarotti. Esse tipo de trabalho deve ser conduzido “em nome do respeito devido ao autor”, afirma Bourdieu (2003, p. 710). Chama a atenção para o trabalho de transposição do registro oral para o escrito. A textualização das entrevistas deve ser capaz de “tocar e de comover, de falar à sensibilidade, sem sacrificar ao gosto do sensacional” (BOURDIEU, 2003, p. 711). Somos todos conhecedores das dificuldades de restituição do valor semântico das falas. Sem os devidos cuidados, os vícios da oralidade fazem do entrevistado um “idiota cultural”. As operações envolvidas nessa transposição da oralidade para a escrita, que se realiza com o devido respeito ao narrador e com a atenção voltada para o leitor, definem as condições necessárias à *compreensão* da “*miséria do mundo*”. Deixar que falem os entrevistados e que em sua história se possa ler e interpretar os processo de exclusão, discriminação, abandono... Não eram relatos de guerra como os que Bourdieu ouvira na Argélia, que o afetavam “tão profundamente, a ponto de voltarem em sonhos” (BOURDIEU, 2003, p. 78), mas como eles, as entrevistas deviam também comover profundamente o leitor, sensibilizá-lo a tal ponto de poder “voltar em sonhos”.

Quanto à publicação das entrevistas, a preocupação de Bourdieu é propor a *democratização da*

14 Em nota de rodapé, Bourdieu (2003, p. 694) sintetiza como os “princípios (provisórios) da entrevista”, as dificuldades e ensinamentos decorrente da pesquisa eram “regularmente submetidos à discussão nos seus seminários do Collège de France de 1991-1992”.

*postura hermenêutica* tanto na transcrição, como vimos anteriormente, quanto na recepção das narrativas ordinárias. O pesquisador deve atentar para as interpretações, até mesmo as dos leitores mais bem intencionados. Essas são as suas primeiras palavras dirigidas “Ao leitor” na abertura do livro: “esperamos que o leitor lhes conceda [aos depoimentos] um olhar tão *compreensivo* quanto o que as exigências do método científico nos impõe e nos permite conceder-lhes” (BOURDIEU, 2003, p. 9). Em suma, o que sugere Bourdieu é que se dê “[...] às declarações de um operário metalúrgico o acolhimento fervoroso que certa tradição de leitura reserva às formas mais altas da poesia ou da filosofia” (BOURDIEU, 2003, p. 712).

Entrevistar, transcrever e publicar tratava-se, portanto, para Bourdieu, de um “exercício espiritual” que se desdobrava em “amor intelectual”. Para o leitor de Ferrarotti (1983, p. 150), ecoam nessas preocupações o que ele dizia no Prólogo da primeira edição do seu livro. Tratava-se, sobretudo, para Ferrarotti, de

Uma operação difícil e perigosa. Diante dos textos das biografias, tive sempre a impressão de não ser suficientemente cuidadoso ou perspicaz para compreendê-los profundamente. Tive também a impressão de não merecê-los. Se não uma atitude, mas pelo menos uma certa disposição religiosa me parece indispensável. Medo de uma profanação? Talvez.

Para Ferrarotti (1983)<sup>15</sup>, em sua visão sociológica e política, as histórias de vida de pessoas em situação de pobreza não deviam ser confundidas com

violação da *privacy*<sup>16</sup> sobre a qual divagam os burgueses, na apatia sombria e aveludada dos quarteirões residenciais de luxo, ou a imprensa bem pensante dos amantes da ordem e das pessoas decentes. [Trata-se] Ao contrário de um objetivo declarado, louvável e progressista de restituir a palavra aos pobres [...] de aceitar com um amor fraterno e cuidadoso o que eles têm a dizer. (FERRAROTTI, 1983, p. 151).

Para além da harmonia do pensamento de Bourdieu com o de Franco Ferrarotti sobre o uso das narrativas de vidas para denunciar a exclusão, pela

voz dos próprios excluídos, encontrei ainda nesse capítulo “Compreender” o que não li em Ferrarotti, ou seja, a intuição bourdieusiana sobre o poder de formação das narrativas autobiográficas para a pessoa que narra. Nesse sentido, o capítulo contempla as duas vertentes já consolidadas da pesquisa (auto)biográfica em Educação: a que recorre às narrativas autorreferenciais como método de pesquisa e a que as propõe como dispositivo de formação. Para o autor, os entrevistados, particularmente os mais carentes, aproveitavam as entrevistas para construir “seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo” (BOURDIEU, 2003, p. 704). A perspicácia dessa reflexividade que emergia na entrevista é o que lhe permitia falar “de *autoanálise provocada e acompanhada*” (BOURDIEU, 2003, p. 704, grifo do autor).

Como o próprio Bourdieu afirma: “em mais de um caso nós sentimos que a pessoa interrogada aproveitava a ocasião [...] para realizar um trabalho de explicação, gratificante e doloroso ao mesmo tempo [...] e enunciar [...] experiências e reflexões há muito reservadas ou reprimidas” (BOURDIEU, 2003, p. 704).

O que Bourdieu afirmava sobre as entrevistas narrativas como um *exercício espiritual*, uma espécie de *amor intelectual* e uma *autoanálise provocada e acompanhada* me preparou, indiretamente, para acolher *Esboço de auto-análise* e compreender melhor a sua travessia da ilusão à conversão autobiográfica. Talvez para que eu também pudesse compreender e aceitar melhor a minha própria travessia em busca de argumentos para fundamentar respostas a questões que me atormentavam no início dos anos 2000 (PASSEGGI, 2000, 2002, 2006), entre elas: “Quantos memoriais seriam necessários para se buscar uma ‘verdade’ científica?”; “A injunção institucional nesse tipo de gênero memorialístico apaga sua dimensão formativa?”; “Por que essas escritas autorreferenciais produzidas na academia e para a academia eram relegadas a um segundo plano na pesquisa sobre a formação docente e a história do sistema educacional brasileiro?”. Contra a “ilusão biográfica”, as abordagens de Ferrarotti e de Bourdieu priorizavam a qualidade do material, a sua riqueza, e não uma representatividade estatística o que vinha fortalecer

15 Cf. Ferrarotti (1983, 2013), Apêndice 1 “Les biographies comme instrument analytique et interprétatif” [As biografias como instrumento analítico e interpretativo].

16 Em inglês no original.

a hipótese de Ferrarotti (2010, p. 44): “nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um de nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história desse sistema está contida por inteiro na história de nossa vida individual”. Só que é preciso saber decifrar!

## A sociologia é um instrumento de autoanálise e a reflexividade, um método

A primeira leitura que fiz de “*Esboço de auto-análise*” (BOURDIEU, 2005) foi guiada pelo desejo de tentar entender por que Pierre Bourdieu havia justamente escolhido sua própria trajetória intelectual como objeto de reflexão. Pulici (2006, p. 197) resume assim o interesse do livro:

Para aqueles que achavam que com *Homo Academicus* (1984) e *Meditações Pascalianas* (1997) Pierre Bourdieu (1930-2002) já havia levado ao limite a análise sociológica do mundo intelectual, esquadrihando os princípios classificatórios e as relações de força simbólicas que atravessam o ambiente acadêmico francês, *Esboço de Auto-Análise* é sem dúvida o fecho mais coerente que se poderia esperar de uma obra que tanto criticou o fato de muitos intelectuais interrogarem o mundo e poucos intelectuais interrogarem o mundo intelectual.

Ao deparar-me com a epígrafe logo na abertura do livro: “Isto não é uma autobiografia - Pierre Bourdieu”, pareceu-me evidente que Bourdieu voltava ao seu posicionamento de 1986 e se desfaria ali o meu encantamento com *A Miséria do mundo*. O que queria nos dizer? Na Introdução, Sergio Miceli (2005, p. 7-20) lembra que Bourdieu havia abandonado a análise da obra de Manet por não ter localizado “dados biográficos” importantes, o que reputava como um empecilho à sua interpretação. Parte da resposta encontra-se no final do livro, quando afirma que o escreveu “acima de tudo na mira dos meus leitores mais jovens” para que pudessem “apreender uma obra e uma vida no movimento necessário de sua realização”.

Por que então se recusava a admitir que escrevia sua história? Passei então a associar a epígrafe a uma provocação de Bourdieu, uma alusão à célebre obra do pintor surrealista René Magritte, “Isto

não é um cachimbo”,<sup>17</sup> cuja intenção era provocar a desconstrução da relação habitual entre imagem e linguagem, com o propósito de desconcertar e de obrigar o leitor a buscar um sentido novo para a relação com o objeto, mediada pela arte. À semelhança de Magritte, Bourdieu queria com essa provocação levar o leitor a estabelecer uma nova relação com as escritas autobiográficas? O que você vai ler pode dar a impressão, mas não é uma autobiografia.

Nas primeiras linhas do livro, um alerta aos leitores: “Não pretendo me sacrificar ao gênero autobiográfico, sobre o qual já falei um bocado como sendo, ao mesmo tempo, convencional e ilusório” (BOURDIEU, 2005, p. 37). Em seguida, afirma explicitamente que sua intenção é “apenas tentar reunir e revelar alguns elementos para uma auto-socioanálise”<sup>18</sup> (BOURDIEU, 2004, p. 11). Numa segunda epígrafe, que consta apenas da edição francesa do livro, lê-se na “Nota do editor”: “Análise sociológica excluindo a psicologia, salvo alguns impulsos de humor - Pierre Bourdieu, *Notas preparatórias*” (BOURDIEU, 2004, p. 7). Passo a entender então que ele pretende opor ao gênero auto-bio-gráfico uma auto-sócio-análise que se realiza quando o narrador, “adotando o ponto de vista do analista, [se obriga (e se autoriza)] a reter todos os traços pertinentes do ponto de vista da sociologia, ou seja, apenas aqueles que são necessários à explicação e à compreensão sociológica” (BOURDIEU, 2005, p. 37).

Falar de si, para Bourdieu, é antes de tudo falar de sua vida acadêmica: de “todos os momentos de minha história, em particular os diferentes partidos assumidos em matéria de pesquisa” (BOURDIEU, 2005, p. 38). Passei então a buscar no livro sua semelhança com os memoriais acadêmicos, o que me parecia coerente com o seu pensamento, ou seja, conferir à “auto-socioanálise” do homem de ciência, as “credenciais de nobreza acadêmica”,<sup>19</sup> aqui entendida como honestidade científica. Essa

17 Entre 1928 e 1929, o pintor surrealista belga René Magritte (1898-1967) produziu uma série de pinturas intitulada *A Traição das Imagens (La Trahison des Images)*, entre elas encontra-se “Isto não é um cachimbo” (*Ceci n'est pas une pipe*).

18 Na tradução em português substituiu-se “uma auto-socioanálise” por “uma auto-análise”, mais coerente com o título do livro, mas que retomo aqui por seu interesse para minha argumentação.

19 Retomo a expressão de Bourdieu (2005, p. 51) ao se referir a Freud e Lacan.



aproximação não é vã, pois mais adiante, Bourdieu, ao lembrar sua pesquisa a propósito do celibato dos filhos mais velhos no Béarn (sua região natal), afirma: “Talvez não seja de todo descabido enxergar uma espécie de *Bildungsroman*<sup>20</sup> intelectual na história dessa pesquisa, a qual constituiu a ocasião e o detonador de uma verdadeira conversão”. A de sua visão de mundo, correlata à “passagem da filosofia para a sociologia” (BOURDIEU, 2005, p. 86-87).

Entendo melhor, hoje, que Bourdieu teorizava nesse livro uma nova forma de falar de si, que já constituía, grosso modo, desde os anos 1930, uma tradição acadêmica quase secular, no Brasil. Contrariamente ao que fizera Rousseau em *As Confissões*, em que afirma estar criando um novo gênero literário, Bourdieu não pretende situar *Esboço de auto-análise* num novo gênero memorialístico autobiográfico. François Dosse (2009, p. 229), em *O Desafio biográfico*, lembra que “os tempos atuais são mais sensíveis às manifestações das singularidades, que legitimam não apenas o interesse pela biografia como a transformação do gênero num sentido mais reflexivo”. É nesse sentido que evolui o pensamento de Bourdieu em sua autobiografia intelectual, ou seja, na direção da reflexividade da “Idade Hermenêutica” como denomina Dosse (2009, p. 229).

As noções de *reflexividade e cientificidade* são cruciais para a compreensão da sócio-autoanálise como uma modalidade acadêmica do autobiográfico. É importante lembrar que a primeira versão de “Esboço de auto-análise” (*Esquisse pour une auto-analyse*) encontra-se nas últimas páginas do livro “*Science de la science et réflexivité*” (Ciências da ciência e reflexividade), que reúne as aulas de seu último curso no Collège de France, no ano letivo 2000-2001 (BOURDIEU, 2001). No prefácio desse livro, Bourdieu afirma que ele decidira tomar a ciência como objeto de reflexão, por considerar que, estando em perigo, “ela se tornava perigosa” (BOURDIEU, 2001, p. 6).<sup>21</sup> Assim, se propunha a adotar uma postura crítica contra “instrumentos de conhecimento” que pudessem se voltar “contra o sujeito do conhecimento” (BOURDIEU, 2001, p. 15).

“Esboço para uma auto-análise”, no capítulo “*Pourquoi les sciences sociales doivent se prendre*

*pour objet*”<sup>22</sup>, apresenta-se como uma forma de aplicar a si mesmo o rigor científico dos métodos que utilizara em suas pesquisas sociológicas, em suma, “fazer a sociologia do objeto que eu sou” (BOURDIEU, 2001, p. 184). Para tanto, “só a *reflexividade*, que é sinônimo de método” (BOURDIEU, 1993, p. 694, grifo nosso) apresenta-se como a condição indispensável para a objetivação científica do sujeito da objetivação, portanto como garantia da cientificidade em sua intenção explícita de fazer ciência com uma escrita subjetiva, ou seja, conciliar o inconciliável na tradição sociológica clássica.

Em *A Miséria do mundo* (BOURDIEU, 1993, p. 709), lê-se que o pesquisador, para realizar o seu desejo de “descobrir a verdade”, que é constitutiva da intenção científica, deve, à maneira de um parteiro, improvisar estratégias para “ajudar o pesquisado a dar a sua verdade ou, melhor, a se livrar de sua verdade” (BOURDIEU, 1993, p. 709). Talvez não seja exagerado afirmar que no esforço de sua auto-socioanálise, Bourdieu se coloca na posição de analista como uma estratégia para “se livrar de sua verdade”, o que há muito tempo o perseguia. Como lembra Catani (2008, p. 50), Bourdieu já tentara falar “de si de maneira franca e emocionada” nas primeiras páginas de *Esquisse d’une théorie de la pratique*<sup>23</sup> (BOURDIEU, 1972).

O seu percurso na sua auto-socioanálise é tão revelador de sua intenção de fazer ciência quanto do desejo de se livrar de sua verdade. O seu projeto quase obsessivo de compreender e explicar o mundo social cientificamente desliza, no entanto, de um texto contundente, amargo, de uma “descrição (ácida e irônica) do estado do campo intelectual-filosófico-universitário francês no momento de seu ingresso” (ALMEIDA, 2006, p. 126), para um relato transpassado pela emoção contagiante de uma escrita literária, subjetiva, emotiva, sobretudo quando se trata do retorno às suas origens, à sua infância, ao seu mundo familiar, às suas dúvidas e incertezas. Bourdieu refere-se a um *habitus clivado*, para explicar a ambivalência fundante de seu pensamento, essa angústia de se sentir dividido, por exemplo, entre duas forças dilacerantes que o obrigam a admirar e a negar as instâncias nas quais e contra as quais ele se tornou o intelectual que era:

20 “Romance de formação” na tradição alemã.

21 Interesses midiáticos, econômicos, competição entre pares...

22 Por que as ciências sociais devem se tomar como objeto.

23 Esboço de uma teoria da prática.

“como se a certeza de si, ligada ao fato de sentir-se consagrado, fosse corroída, em seu próprio princípio, pela mais radical incerteza quanto à instância de consagração, espécie de mãe malvada, falha e enganosa” (BOURDIEU, 2005, p. 123). Ou ainda em passagens como essa: “E tudo o que disse aqui a respeito das causas ou das razões de cada uma das experiências evocadas, como minhas aventuras argelinas ou meus entusiasmos científicos, mascara, portanto, a visão subterrânea e a intenção secreta que constituíam a face oculta de uma vida dilacerada” (BOURDIEU, 2005, p. 98).

Numa conferência pronunciada em 1984, a propósito de seu livro *Homo Academicus*, ele já afirmara o seguinte:

[...] a sociologia é um instrumento de autoanálise extremamente poderoso que permite a cada um compreender melhor o que ele é, dando-lhe uma compreensão de suas próprias condições sociais de produção e da posição que ocupa no mundo social. Sem dúvidas isso é completamente decepcionante e não é em absoluto a visão que se tem comumente da sociologia. (BOURDIEU, 2007, p. 101, tradução nossa).

O autor reconhece que corria o risco de decepcionar aqueles para quem a Sociologia tinha uma função profética, escatológica, política, mas ele mesmo só considerava como certo que em Sociologia “a análise poderia ter também uma função clínica, até mesmo terapêutica” (BOURDIEU, 2007, p. 101). Essa (inter)subjetividade explosiva só emerge na parte final do livro. É essa compreensão de que não se narra uma história já existente, como insiste Delory-Momberger (2008), mas que a história se constrói na ação de narrar, que Bourdieu parece abrir mão da cientificidade imposta pela visão sociológica da objetivação do sujeito, por “alguns impulsos de humor”, para deixar viver em si o sujeito da experiência, que, como sugere Jorge Larrosa (2002), sai de si, não para propor mas para “ex-por” sua historicidade, ou seja, as razões mais autênticas de suas escolhas refletidas e irrefletidas.

## Considerações em aberto

Esbocei aqui alguns argumentos sobre a inflexão/evolução do pensamento de Pierre Bourdieu com relação ao biográfico, entre 1986 e 2001, na

tentativa de evidenciar o seu importante legado para a pesquisa (auto)biográfica em Educação, ainda não suficientemente explorado. A hipótese é que o impacto de sua crítica às histórias de vida em seu artigo “A ilusão biográfica” parece impedir que se avance nas leituras de Pierre Bourdieu, que no nosso entender aderiu ao biográfico em *A Miséria do Mundo* e escreve sua autobiografia intelectual em *Esboço de auto-análise*, comprovando a sua “conversão” ao gênero. Todavia trazendo para ele a força de seu pensamento revolucionário, transformando a narração numa reflexividade (auto) crítica, sociologicamente fundamentada. Sua sócio-autoanálise condensa o que defendia para a sociologia reflexiva, que só agora, como sugere Lash (1997, p. 187) “podemos ver em que sentido”. Para Lash (1997, p. 185), “Bourdieu fala de reflexividade em termos de descoberta sistemática de categorias impensadas que em si são precondições das nossas práticas mais autoconscientes (nesse caso sociológicas)”. Entretanto esse é outro assunto de grande interesse que emerge desse livro, cuja complexidade convida a outros estudos.

Os princípios éticos de método e o posicionamento político preconizados por Bourdieu em *A Miséria do Mundo* me permitiram aproximar o que se pratica no movimento socioeducativo das histórias de vida em formação e na pesquisa (auto) biográfica, na perspectiva defendida por Ferrarotti, da autonomia do método biográfico nas Ciências Sociais e Humanas.

Dois movimentos merecem destaque nestas considerações em aberto. Em primeiro lugar, que a produção do conhecimento se inicia e se conclui em múltiplos momentos de reflexividade (inter) relacional. Na entrevista biográfica: na relação entre o pesquisador e o entrevistado. Na transcrição da entrevista: na relação entre pesquisador, entrevistado e leitor. Na publicação da pesquisa: entre o leitor, o pesquisador e o entrevistado. Nesses diferentes momentos, a reflexividade dos parceiros da interação entra em jogo para que cada um possa compreender a si mesmo e ao outro, no esforço de afirmar, duvidar, sugerir... Por isso, o conhecimento produzido é coletivo e não apenas do sociólogo ou do pesquisador, que em nome da cientificidade, poderia fazer prevalecer um ponto de vista em detrimento de outros.

Em segundo lugar, não se busca uma “verdade ontológica”, mas compreender como as pessoas, enquanto sujeitos da experiência, percebem o que as afetou no seu processo de formação intelectual, profissional e humana, e como a narrativa aguça sua reflexividade para compreender o *habitus* e o habitar. O narrador das novas classes média e baixa, na modernidade líquida, avançada ou tardia, não é o mesmo de 1980, o senso comum se tornou, para muitos, mais científico e mais reflexivo, graças aos novos sistemas de comunicação e de informação que difundem de forma planetária as conquistas e erros científicos, políticos, humanos... Tornou-se prioritário que cada um se aproprie de sua historicidade e, portanto, de sua margem de liberdade para se compreender como sujeito do conhecimento e melhor agir e interagir no mundo. Nesse caso, não há, portanto, um viés prioritário e uma suposta cientificidade em detrimento da deontologia em pesquisa, que se desdobra em uma questão epistemológica, política, ética e estética, daí a importância do “reconhecimento social da validade objetiva dessas falas subjetivas autorreferenciais”, como defendem Pineau e Le Grand (2012).

O que guardo de “Esboço de auto-análise” é a contribuição inegável de Bourdieu ao gênero acadêmico autobiográfico como modalidade de reflexividade científica necessária ao próprio avanço das ciências e de novos rumos para as ciências do humano. É justo que tenha sede de permanecer vivo junto aos seus leitores, sobretudo os mais jovens. Sua esperança era que a leitura de sua

auto-socioanálise permitisse a cada um converter “um autor embalsamado, aprisionado nas bandagens mumificadas do comentário acadêmico num verdadeiro *alter ego*, ou melhor, num companheiro no sentido dos antigos ofícios, o qual tem problemas ao mesmo tempo triviais e vitais, como todo mundo” (BOURDIEU, 2005, p. 134).

Suas palavras finais aproximam-se de tantas outras que li em inúmeros memoriais escritos por professores universitários e do ensino fundamental: o desejo de que a leitura não se transformasse num julgamento, mas que a história de sua vida pudesse ser útil para a vida de quem a lê:

E nada me deixaria mais feliz do que lograr levar alguns de meus leitores a reconhecer suas experiências, suas dificuldades, suas indagações, seus sofrimentos etc. nos meus e poder extrair meios de fazer e de viver um pouco melhor aquilo que vivem e fazem (BOURDIEU, 2005, p. 135).

Se entendi bem a provocação de Bourdieu ao iniciar um livro autobiográfico com uma epígrafe de abertura “Isto não é uma autobiografia”, isso significa que no livro não há nada de linear, muito menos de imaginário, mas que ele emana de uma reflexividade refletida. Nele se misturam a racionalidade mais lógica e a emotividade explosiva do eu examinado, refletido, reflexivo. O que essa narrativa de si evoca é que, no mundo da vida e no mundo do texto, a experiência e a razão humana só podem apreender a vida parcialmente, confusamente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Bruna Gisi Martins de. Os limites da auto-análise. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, p. 125-129, jun. 2006.
- ASTIER, Isabelle; DUVOUX, Nicolas (Dir.). **La Société biographique**: une injonction à vivre dignement. Paris: L’Harmattan, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**: entrevista de Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Cosas Dichas**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Esboço de auto-análise**. Tradução Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- \_\_\_\_\_. **Esquisse pour une auto-analyse**. Paris: Raisons d’agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. (Coord.). **A Miséria do mundo**. Tradução Mateus S. Soares Azevedo. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Science de la science et réflexivité**. Paris: Raisons d’agir, 2001.
- \_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.
- \_\_\_\_\_. **La misère de monde**. Paris: Seuil, 1993.
- \_\_\_\_\_. L’illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 62/63, p. 69-72, juin 1986.
- \_\_\_\_\_. **Esquisse pour une théorie de la pratique**. Paris: Seuil, 1972.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Pourquoi nous racontons-nous des histoires?** Le récit au fondement de la culture et de l’identité individuelle. Paris: RETZ, 2002.
- CATANI, Afrânio Mendes. Pierre Bourdieu e seu esboço de auto-análise. In: **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 45-65, 2008.
- DE VINCENTI, Antonella; PINEAU, Gaston. Les histoires de vie dans l’œuvre et la vie de Franco Ferrarotti: “J’adore renaître”. In: FERRAROTTI, Franco. **Histoire et histoires de vie**. Trad. Marianne Modak. Paris: Téraèdre, 2013. p. 13-24.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**. Figuras do indivíduo-projeto. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008.
- DOMINICÉ, Pierre. Biografização e mundialização: dois desafios contraditórios e complementares. In: PASSEGGI, M. C; SOUZA, E. C. (Org.) **(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 25-46.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FERRAROTTI, Franco. **Histoire et histoires de vie**. Trad. Marianne Modak. Paris: Téraèdre, 2013.
- \_\_\_\_\_. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2010. p. 31-57.
- \_\_\_\_\_. **Histoire et histoires de vie: la méthode biographique en sciences sociales**. Trad. Marianne Modak. Paris: Méridiens Klincksieck, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Storia e storie di vita**. Bari: Laterza, 1981.
- GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 29-38.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.). **O sujeito da educação**. Estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 35-86.
- LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética e comunidade. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- MICELI, Sergio. A emoção raciocinada. In: BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. Tradução Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 7-20.
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. Biografia coletiva, engajamento e memória: A miséria do mundo. **Tempo Social**

– Revista de Sociologia da USP, v. 21, n. 2, p. 259-282, 2009.

NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2010.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (Org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-131.

\_\_\_\_\_. As duas faces do memorial acadêmico. **Odisséia**, Natal, v. 9, n. 13-14, p. 65-75, 2006.

\_\_\_\_\_. **De l'acteur à l'auteur**. Les représentations de soi dans la formation continue. Preprints des ACTES du V Congrès International de l'AFIRSE. Pau: Université de Pau, 2002.

\_\_\_\_\_. Memoriais de formação: processos de autoria e de construção identitária. In: CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL, 3., 2000, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: UNICAMP, 2000. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1970.doc>>. Acesso em : 10 jun. 2012.

PINEAU, Gaston ; MARIE-MICHÈLE. **Produire sa vie**: autobiographie et autoformation. Paris: Téraèdre, 2012.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução Carlos Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

PULICI, Carolina. A “anti-autobiografia” de Pierre Bourdieu. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, SP, v. 12, n. 22, p. 197-202, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: QUEIROZ, M. I. P. et al. **Experimentos com histórias de vida** (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit 1**. Paris: Seuil, 1983.

STEPHANOU, Maria. Jogo de memórias nas esquinas dos tempos: territórios e práticas da pesquisa (auto)biográfica na pós-graduação em Educação no Brasil. In: SOUZA, E. C. de; PASSEGGI, M. C. (Org.). **Pesquisa (auto) biográfica**: cotidiano, imaginário e memória. São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN, 2008. p. 19-41.

WACQUANT, Loïc D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões de uma nota pessoal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 19, p. 95-110, nov. 2002.

*Recebido em: 18.01.2014*

*Aprovado em: 27.04.2014*